

O apelido de Sebastião Bernardes de Souza Prata (1915-1993), **Grande Othelo**, surgiu com sua participação, ainda criança, na Companhia Negra de Revistas em 1927. Fundada por Jayme Silva e pelo artista negro De Chocolat (João Cândido Ferreira), a companhia contava com Pixinguinha como maestro e diretor musical e representava um espaço importante de afirmação e talento para artistas negros. O nome, uma ironia a sua baixa estatura e uma referência ao personagem Otelo, de William Shakespeare, possivelmente foi cunhado por Jardel Jércolis ou pelo próprio De Chocolat. O ponto de virada e um dos maiores triunfos de sua carreira veio em 1969, com sua monumental interpretação do personagem-título em **Macunaíma**, dirigido por Joaquim Pedro de Andrade e baseado na rapsódia homônima de Mário de Andrade. Parte de sua biografia pode ser vista na exposição **Ocupação Grande Othelo**, na nova sede do Centro de Documentação e pesquisa (Cedoc), na antiga Casa da Moeda. A mostra, com expografia de Kleber Montanheiro, celebra a memória do artista Sebastião Bernardes de Souza Prata com 160 itens de seu acervo pessoal. Entre eles, cartas, partituras e rascunhos de poemas como o famoso “Cadê Você, Gonzagão?”, redigido em homenagem a Luiz Gonzaga. Destaque também para o Troféu Velho Guerreiro, oferecido por Chacrinha em seu programa. “Othelo foi o primeiro negro que fez cinema e teatro musicado no Brasil. Abriu as portas para todos nós e deveria ser venerado por todos os artistas”, disse a atriz Ruth de Souza, homenageando Grande Othelo na edição da Tribuna da Imprensa que noticiava a morte do grande ator, há 30 anos (26-11-1993), em Paris. Cedoc - Praça da República, 26, Centro. Seg. a sex., 10h/16h. Grátis. Até 30 de setembro.



Autora de **A vegetariana** (ver Roteiro Cultural EMERJ ano 3 - nº 3), vencedora do prêmio Nobel de Literatura em 2024, a sul coreana Han Kang lançou no Brasil, em maio de 2025, o romance **Sem despedidas**. Considerado um romance assombroso e visionário, **Sem despedidas** nos leva a uma jornada emocionante à Coreia do Sul atual e sua dolorosa história. Mesclando imaginação e realidade, a narrativa acompanha Kyung-ha, uma escritora que sai de Seul para a ilha de Jeju — onde dezenas de milhares de cidadãos foram aniquilados entre 1948 e 1949 —, com destino à casa de sua velha amiga Inseon, que está hospitalizada, para cuidar de seu amado pássaro de estimação, deixado às pressas e sem assistência. Ali, Kyung-ha entra em contato com a história há muito enterrada da família de Inseon, entre sonhos e memórias, e um arquivo meticulosamente reunido que documenta o terrível massacre na ilha. Nestas páginas de beleza extraordinária, Han Kang compõe um poderoso manifesto contra o esquecimento.



Filme que recebeu 8 indicações para o Oscar – Melhor Filme, Melhor Direção (Chloé Zhao), Melhor Atriz (Jessie Buckley), Melhor Roteiro Adaptado (Maggie O'Farrell e Chloé Zhao), Melhor Direção de Elenco, Melhor Figurino, Melhor Direção de Arte (Design de Produção) e Melhor Trilha Sonora Original – e garantiu a estatueta de Melhor Atriz para Jessie Buckley, **Hamnet: A Vida Antes de Hamlet**, um drama baseado no livro de Maggie O'Farrell, que também assina o roteiro, conta a história da tragédia vivida por William Shakespeare ao lado de sua esposa Agnes Shakespeare quando o casal perde seu filho de 11 anos para uma das várias pragas que assolaram o século XVI. Hamnet era o nome do menino e, nessa história ficcional sobre a vida doméstica de Shakespeare, Agnes é a narradora e o ponto de vista fundamental da narrativa, demonstrando o luto que acompanha o fim precoce da vida do seu herdeiro. A trama rejeita a faceta inabalável e intocável de um gênio William Shakespeare, mas apresenta um artista que era influenciado, acima de tudo, pela sua vida diária. Explorando os temas da perda e da morte, Hamnet acompanha a rotina e o dia a dia de uma família, as alegrias e as tristezas de viver numa pequena vila na Inglaterra do passado e a história de amor poderosa que inspirou a criação da peça Hamlet. Disponível no Prime vídeo.



Você sabia?

Você sabia que a **Literatura de Cordel** é, desde 2018, Patrimônio Cultural Imaterial do Brasil? A literatura de cordel, que tem esse nome devido à peculiar característica de ter os folhetos, nos quais é impressa, pendurados em cordéis (cordas finas) para serem vendidos em feiras e mercados, foi declarada, pelo IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional –, em 19 de setembro de 2018, como Patrimônio Cultural Imaterial do Brasil. A decisão foi aprovada por unanimidade pelo Conselho Consultivo do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), no Rio de Janeiro, reconhecendo o gênero como uma das expressões mais genuínas da identidade brasileira. Escritos em versos rimados e satíricos, frequentemente ilustrados com xilogravuras, os cordéis abordam desde histórias de amor e aventuras até fatos do cotidiano e críticas sociais, sendo uma forma acessível e criativa de comunicação e uma das mais importantes expressões da cultura popular brasileira, especialmente do nosso Nordeste. Além de preservar a oralidade e o humor do povo nordestino, o cordel influenciou outras áreas, como a música e o teatro. Os nomes mais famosos do cordel são Leandro Gomes de Barros (primeiro editor/escritor e considerado o rei dos cordelistas), Patativa do Assaré (poeta do sertão), Firmino Teixeira do Amaral, Silvino Pirauá, João Martins de Athayde e José Camelo de Melo Resende, criador do clássico "O Romance do Pavão Misterioso".



Folhetos de cordéis, expostos para venda.